

**PÓS-MODERNIDADE E A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA:
UMA LEITURA DA CANÇÃO ALMA NOVA**

Leila Alves Vargas (UENF)

leilaavargas@gmail.com

Kamila Teixeira Crisóstomo (UENF)

kamila18bj@gmail.com

Diego de Almeida Lemos (UESA)

lemosdiego1@hotmail.com

Monique Teixeira Crisóstomo (UENF)

monikebj@gmail.com

RESUMO

Este artigo se dedica a tecer uma reflexão e fazer um paralelo entre a poesia na pós-modernidade e a música popular brasileira. Atentaremos para esse sujeito moderno, que fala no tempo atual, que tem expressões próprias e desejos distintos e ainda que faz críticas ao sistema e ao modo de vida atual. Para isto, será realizada uma discussão baseada na interpretação da canção popular Alma Nova (2005), composta por Fernando Abreu e Zeca Baleiro, compositor maranhense famoso por suas canções de teor amoroso e que fazem críticas à sociedade contemporânea, de consumo exacerbado e estilos de vida distintos.

Palavras-chave: Pós-modernidade. Música popular brasileira. Leitura. Interpretação.

1. Considerações iniciais

Pode-se dizer que, meados do século XX, foi marcado por uma grande mudança na ordem social mundial, tendo como resultado a pós-modernidade. Tempo que Eric John Ernest Hobsbawn, em *A Era dos Extremos* (1994), chamou de breve século. Esse período é delineado, a partir de 1914, por grandes mudanças sociais, catástrofes e crises econômicas, que resultaram na Primeira Guerra Mundial. Como consequência dessas grandes transformações, tudo começou a mudar socialmente. Assim, o teórico divide o século XX em eras.

A primeira é a “Era da catástrofe”, localizada no período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. O mundo se dividiu entre socia-

lismo soviético e capitalismo americano. A segunda Era (“Anos dourados”), identificada pelo autor, está situada entre os anos 1950 a 1960, em que houve relativa paz e estabilização dos problemas de antes.

Por último, Eric John Ernest Hobsbawm aponta que o período compreendido entre 1970 a 1991 é o “desmoronamento” final, em que os sistemas econômicos e sociais deram lugar ao contemporâneo, às regras sociais, ao futuro da incerteza. É sobre o indivíduo contemporâneo e sua forma de ver e sentir as relações amorosas que se embasará este artigo. Sob a luz da análise desse novo sujeito, através das entrelinhas de uma canção da música Popular Brasileira, será feita essa reflexão.

Desta maneira, diante do exposto, este artigo se propõe a ser campo fértil para uma discussão sobre a relação entre a canção popular, o turbilhão de mudanças advindas deste novo tempo, dentre elas o amor e a pós modernidade. Tudo isso entrelaçada à interpretação da música “Alma Nova, de Zeca Baleiro e Fernando Abreu.

Alma Nova

Zeca Baleiro e Fernando Abreu

Sempre que te vejo assim	Como é que a alma
Linda nua	Entra nessa história
E um pouco nervosa	Afinal o amor
Minha velha alma	É tão carnal...
Cria alma nova	Eu bem que tento
Quer voar pela boca	Tento entender
Quer sair por aí...	Mas a minha alma
	Não quer nem saber
E eu digo	Só quer entrar em você
Calma alma minha	Como tantas vezes
Calminha!	Já me viu fazer...
Ainda não é hora	
De partir...	E eu digo
	Calma alma minha
Então ficamos	Calminha!
Minha alma e eu	Você tem muito
Olhando o corpo teu	Que aprender...
Sem entender...	

2. Objetivo

Analisar a canção “Alma Nova”, de Zeca Baleiro e Fernando Abreu composta no ano de 2005, através de uma leitura com enfoque na Pós-Modernidade. Este estudo pretende identificar as visões de mundo

dos compositores, bem como, suas relações com temas anteriormente considerados tabus como o amor, os desejos carnavais e as questões espirituais (alma)

3. *A música popular brasileira*

O mistério de nossa música é o mistério do Brasil mesmo, diz-me o que cantas e eu te direi quem és. Mas nós cantamos tanta coisa e tão diferentes. Que seremos nós? (Renato Almeida, *Revista Movimento Brasileiro*, 1928)

Iniciamos este tópico com a citação de Renato Almeida sobre uma das diversas manifestações artísticas do Brasil: a música. Aqui falaremos com maior ênfase, sobre a Música Popular Brasileira. Esta teria sido consagrada, nas décadas de 30 e 40, por Mário de Andrade e Gilberto Freyre como “a mais forte criação de nossa raça” e “arte mais totalmente nacional”. Dentro deste contexto, desde o final do século XIX, já se mostrava importante os esforços que tinham como principal objetivo, a valorização e resgate da “música popular”.

Guilherme Melo, um bibliotecário do Instituto Nacional de Música e auto denominado professor de música, escreveu “A música no Brasil” em 1908. Neste, a maior parte de seus exemplos refere-se a Bahia, Nordeste e ao Rio de Janeiro. Guilherme Melo considerava a música um fator de identidade nacional. Segundo ele, a música é a “arte mais sociológica” e “a mais leal do sentimento humano”.

Sendo assim, ele atribui valores e diversos sentidos a música, ou seja, ela é distinta, se levarmos em consideração a cultura das diferentes partes do mundo, dependendo dos indivíduos que ali vivem, suas raças, sua cultura. Para o autor, nossa música seria uma “fusão do elemento indígena com o português, o africano e o espanhol”.

4. *Marcos históricos da pós-modernidade*

Não é um mero prolongamento da modernidade: é uma nova Era. (Pedro Lyra)

A era pós-moderna é fortemente marcada por conflitos de ordem política e social da democratização da informação – o que acaba por refletir significativamente no indivíduo dessa época. Ele é receptor de in-

formações e conteúdos a todo tempo. Assim, o sujeito passa a ser descentrado, fragmentado. Na apresentação de “A era do vazio” (LIPOVETSKY, 2005), Juremir Machado da Silva, diz que a era do vazio é um tempo de comunicação. Não mais da comunicação como conteúdo ou mensagem, mas a comunicação como forma de contato, expressão de desejos, emancipação do sujeito. Segundo Juremir Machado da Silva, 2005, s/p.

[...] A pós-modernidade consagrou a possibilidade de viver sem sentido, ou seja, de não crer na existência de um único e categórico sentido, mas de apostar na construção permanente de sentidos múltiplos, provisórios, individuais, grupais ou simplesmente fictícios.

No meio acadêmico, há uma polêmica a respeito da Pós-Modernidade. Alguns autores, advogam a ideia de ser este, um tempo marcado por transformações sociais, científicas, filosóficas. Outros, já dizem ser esta, apenas uma continuação da modernidade.

Sobre a Pós-Modernidade, Pedro Lyra, aponta para diferentes acontecimentos históricos que contribuíram para que ela ocorresse. Sendo ele:

Com a explosão da 1ª bomba (abrindo a era atômica), com o lançamento do 1º *sputnik* (abrindo a era cósmica), com a invenção da tevê (abrindo a era das telecomunicações), com a criação da pílula (abrindo a era da naturalidade sexual), com o estouro do *rock n roll* (abrindo a era da cultura pop), a invenção do computador (abrindo a era da informática) constitui – tudo em torno da década de 50 do século passado – o conjunto dos marcos da Pós-modernidade, esta nova e polêmica fase da nossa história, que já conta portanto com mais de meio século de presença.

Assim, Pedro Lyra diz com propriedade que “não são seis eras, mas uma marcada por seis grandes atributos específicos” criados no tempo de duas décadas, quando no passado as grandes invenções e inovações ocorriam no intervalo de séculos. O poeta diz que este século será de grandes descobertas científicas e biológicas, sendo o passado destinado a filosofia, as artes.

Ao falar de pós-modernidade, devemos falar das novas tecnologias e da velocidade de circulação das informações pelo mundo. A internet propiciou uma agilidade nas informações, de forma que o a pessoas podem estar conectadas, em uma espécie de rede, de teia, a chamada globalização. Isso fez com que se criasse um ambiente próprio, o ciberespaço. E dentro deste novo mundo, desta nova configuração de comunicação, de formas de se relacionar com o mundo, surge também um novo indivíduo

que fala o que pensa, que desmistifica tabus. E, é sobre esse indivíduo, e sua forma de pensar que se construirá nosso próximo tópico. E, sendo a música, uma das artes contemporâneas que expressa esse sentimento e emoção totalmente singular desta nova era, analisaremos a representação do novo indivíduo na pós-modernidade, através da letra de uma canção, da Música Popular Brasileira.

5. Uma análise da música alma nova

Neste tópico, faremos uma análise, dentro do conceito de pós-modernidade e do sujeito desta época, marcado por todas as características já mencionada neste artigo, da letra da canção Alma Nova.

5.1. O compositor Zeca Baleiro

Zeca Baleiro é considerado um exímio cantor e compositor na atualidade de nosso país. Sabe misturar a sensibilidade de um poeta através de letras que inspiram tons de ironia e humor. Através de suas letras (e baladas), é possível captar a tristeza devolvendo alegria. O motivo da escolha desse compositor foi porque além de ter nossa apreciação pessoal, escreve letras com teor crítico, na representação das relações amorosas e dos padrões de consumo da sociedade neste século XXI. O consumismo é um fato que marca a sociedade pós-moderna. Zeca Baleiro fez críticas ao sistema brasileiro, quando discordou da posição de Collor, expressando sua sincera opinião.

5.2. Análise da letra da canção “Alma Nova”

Ler o texto é decifrá-lo, desnudá-lo de suas pretendidas significações e revelar o que as palavras escondem. (Octávio Paz. *A outra voz*, 1993, p. 101)

O amor e suas diferentes manifestações, foi marcado por mudanças ao longo do tempo, ligadas ao desenvolvimento social dos indivíduos, suas crenças, ações e valores. Constata-se que na antiguidade, Platão (*O Banquete*) acreditava que o amor estivesse intimamente ligado ao culto do “Belo, da elevação, da justiça, da fusão com o outro”; bem como também poderia ser falta, desejo por algo. Entretanto, para Bauman (2004), na pós-modernidade, as relações afetivas foram influenciadas por questões sociais e econômicas. Os valores de amor, afeto e pertencimento

são danificados pela gama de possibilidades de se manter relações com diversas pessoas, a qualquer momento, a qualquer custo.

A escolha da canção para a análise deste trabalho, foi “Alma Nova”, do compositor Zeca Baleiro, famoso por suas canções e letras, mas também por fazer críticas a sociedade de consumo, característica da pós-modernidade. Fala da sociedade contemporânea, das relações estabelecidas, sobretudo as amorosas, e da dificuldade ou da impossibilidade de amar, do indivíduo desta época, frente a todas as possibilidades que a era da comunicação põe à disposição dos sujeitos que nela vivem. Sobre a música, analisemos suas estrofes:

Sempre que te vejo assim
Linda nua
E um pouco nervosa
Minha velha alma
Cria alma nova
Quer *voar* pela boca
Quer *sair* por aí...

Em “Alma nova” (BALEIRO, 2005), o eu-poético refere-se a si como uma alma velha que se manifesta e ganha vida a partir da presença do outro, sua alma gêmea, sua amada, que está “*linda, nua e um pouco nervosa*”. Ao ver sua amada, a velha alma do compositor cria alma nova, com novos desejos, novas vontades, novos sentimentos.

Observa-se que “*voar, sair*”, são verbos que, na canção, dão ideia de desejo, de pertencimento, de querer, de ação para que a velha alma, agora nova, com novas atitudes, consiga o que quer, o que almeja.

E eu digo
Calma alma minha
Calminha!
Ainda não é hora
De partir...

Entretanto, o desejo proposto na ideia anterior, de pertencimento, é freado pela razão do “eu” que dialoga, com sua alma nova, já exaurida por tais desejos, quando diz “calma, calminha”. Ou seja, fique no seu lugar, contenha-se. Não tome atitudes por impulso. Fica estabelecida a ideia da razão sobre a emoção. Observa-se ainda, que a expressão “*calminha*”, no diminutivo, refere-se a uma certa intimidade do eu com sua alma, um afago, como o desejo de lhe acalmar.

Então ficamos
Minha alma e eu
Olhando o corpo teu
Sem entender...

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O autor, nesta estrofe, enfatiza a ideia de um diálogo entre o seu eu e sua alma, como se ambos tivessem desejos apostos. A primeira segue a emoção e, o segundo, a razão. Porém, ao mesmo tempo, possuem os mesmos desejos, como o de estar ao lado de sua amada.

Como é que a *alma*
Entra nessa história
Afinal o amor
É tão *carnal*...

Nesta estrofe, percebe-se o conflito que existia (e ainda existe) entre as questões que tenham como pilares o espírito e a carne; a dificuldade em discernir o “certo” do “errado”, o que é amor, o que é pecado. Esses tabus, passam a ser desmistificados e encarados como não mais, na pós-modernidade.

Eu bem que tento
Tento entender
Mas a minha alma
Não quer nem saber
Só quer entrar em você
Como tantas vezes
Já me viu fazer...

Nesta estrofe o autor deixa a entender que cria alma nova. A característica dessa nova alma é ser carnal, uma alma-carne, atenta aos desejos físicos do corpo. Assim, essa nova alma então é personificada, mas tem desejos e ações humanas. Dentro desses desejos, destacam-se o de consumo, os econômicos, os sexuais. Na música, a frase *só quer entrar em você*, nos remete a uma ideia, um sentido ambíguo, ao dizer entrar em você, no seu corpo, estar com você a todo momento. Ou, entrar em você no sentido sexual, do ato.

Enfim, nesta música fica evidente as marcas da pós-modernidade e do sujeito inserido neste novo tempo. Um homem que precisa se reinventar a todo momento, para expressar suas opiniões e vontades, diante de uma sociedade marcada por grandes avanços nos mais diferentes campos.

6. Considerações finais

A era pós-moderna está marcada por conflitos internos e sociais causados pela ordem política e social da democratização da informação – o que acaba por refletir significativamente no indivíduo dessa época. O

poeta da atualidade dá voz às angústias pós-modernas, e por isso a canção popular é uma forma de atingir o grande público e representá-lo, a fim de gerar pertencimento. Zeca Baleiro assim o faz, ao criar letras de canções que refletem seu tempo e as ações deste, sobretudo com críticas, como o próprio tempo, por muitas vezes esvaziado de significado. O eu poético, a outra voz presente na letra da canção analisada de Zeca Baleiro, traz consigo não memórias da infância, mas angústias do presente de um homem pós-moderno que se vê abandonado aos seus próprios sentimentos em função de seu estilo de vida e se suas complexas relações, e não sabe como administrá-los.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALEIRO, Zeca. *Baladas do asfalto e outros blues*. São Paulo: Universal Music, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *O amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

HOBSBAWN, Eric John Ernest. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Trad.: Marcos Santarrita, rev. Maria Célia Paoli. São Paulo: Cia. da Letras, 1995.

LYRA, Pedro. O poema e a letra de música. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 114-115, p. 89-96, 1991.

PAZ, Octávio. *A outra voz*. São Paulo: Siciliano, 1993.

PLATÃO. *O banquete*. Trad.: Donaldo Shüler. Rio de Janeiro: L&PM Poquet, 2009.